

# CARTAS: UM ESPAÇO DE REFLEXÃO CRÍTICA NO MODERNISMO BRASILEIRO

Profª Ms Márcia Regina Jaschke Machado (UNICENTRO / USP)<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Este trabalho tem por objetivo apresentar determinada “crítica literária” presente na correspondência trocada entre nomes do modernismo brasileiro ligados a Mário de Andrade. Ao que se percebe, nesse universo epistolar, escritores e intelectuais, que tivessem projetos afins, tornavam-se “críticos” ou “mentores” uns dos outros durante seus processos de criação, por meio da troca de seus manuscritos entre si. Nessa perspectiva, o que se pretende aqui é abrir caminho para a reflexão sobre a importância dessa “crítica” para os estudos literários.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *crítica literária; correspondência; modernismo brasileiro; Mário de Andrade.*

## Introdução

As cartas trocadas entre escritores, artistas e intelectuais brasileiros durante o modernismo revelam uma prática constante: a circulação de textos ainda em processo de criação, a qual se mostra acompanhada de comentários críticos ou discussões sobre aspectos da elaboração desses textos. No que toca a literatura, é possível verificar que esses comentários muito se aproximam de textos de crítica, entretanto, é sugestivo pensar em uma “crítica literária” produzida sem o objetivo de sair publicada em periódicos ou livros, mas para permanecer na esfera privada das missivas. Tal prática é bem perceptível, por exemplo, na correspondência que Mário de Andrade salvaguardou ao longo de sua vida.<sup>2</sup>

O contato que tive com essa documentação foi bastante estreito; ocorreu por meio de dois trabalhos de pesquisa que desenvolvi no arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo. Um deles, o de maior fôlego, vinculou-se à dissertação de mestrado *Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade: perspectivas de estudos* (MACHADO, 2005), um catálogo analítico de textos de 103 escritores, entre nomes brasileiros e alguns estrangeiros, salvaguardados por Mário de Andrade a partir de meados da década de 1910, aproximadamente, até o ano em que morreu, em 1945.<sup>3</sup> O segundo diz respeito à colaboração no projeto de pesquisa *Catálogo eletrônico da série Correspondência de Mário de Andrade*.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Márcia MACHADO, Mestre em Literatura Brasileira (USP) e Doutoranda em Literatura Brasileira (USP) (Professora de Estudos Literários na Unicentro, Paraná, Departamento de Letras) [marciaske@uol.com.br](mailto:marciaske@uol.com.br)

<sup>2</sup> Em 1968, o conjunto documental do arquivo particular de Mário de Andrade foi transposto ao patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), mediante a doação, por parte da família do escritor, vinculada à aquisição das outras parcelas de seu acervo, biblioteca e coleção de artes visuais, feita pela Universidade de São Paulo para o referido Instituto.

<sup>3</sup> Os manuscritos encerram textos ficcionais (romance, poesia, conto, teatro, crônica) e não-ficcionais (estudos, folclore, receitas de culinária, ensaios).

<sup>4</sup> O catálogo encontra-se disponível no site do IEB ([www.ieb.usp.br](http://www.ieb.usp.br)). Na colaboração desse catálogo, coordenado pela Profª Telê Ancona Lopez, pelo Prof. Marcos Antonio de Moraes e por Tatiana Maria Longo dos Santos, fui responsável pela revisão do texto de parte dos resumos sobre o conteúdo das cartas,

Ao longo do exame contínuo do conjunto documental de ambas as séries, deparei-me, então, com a existência de um processo regular de troca de idéias entre escritores e intelectuais ao longo do período que minhas pesquisas abrangeram – as décadas de 20, 30 e 40. Esse processo é perceptível nos diálogos epistolares ou na dinâmica de circulação de manuscritos, muito marcantes, como pude verificar.<sup>5</sup> É sugestivo pensar que esses escritores ou estudiosos buscavam, dentro de seu próprio meio, interlocutores para os textos ou estudos em processo de criação, cujo objetivo, ao que tudo indica, reside na necessidade de receberem comentário crítico, espécie de aval ou orientação, conforme se pode constatar no que escreve Manuel Bandeira a Mário de Andrade, em carta de 19 de agosto de 1925:

Quando você puder, comente a “Evocação”<sup>6</sup>. Comentários assim, mesmo quando não alterem o pensamento da gente, aproveitam sempre: são verdadeiras experiências psicológicas – experiências de reação [...], isto é, experiências em que a gente conhece bem o excitante e quer conhecer a reação do paciente (ANDRADE e BANDEIRA, 2001, p. 228).

Assim, ao que parece, na esfera dessa relação dialógica, escritores e intelectuais, que tivessem projetos modernistas afins<sup>7</sup>, tornavam-se “críticos” ou “mentores” uns dos outros durante seus processos de criação.

### **A circulação de manuscritos entre escritores do modernismo brasileiros ligados a Mário de Andrade**

Essa documentação mostra que desde a década de 20 até próximo de sua morte, em 1945, Mário recebia textos em processo de criação, a maior parte ficção e alguns estudos. Uma pequena parcela deles era destinada apenas para ser salva-guarda em seu arquivo pessoal<sup>8</sup>, mas o maior número vinha acompanhado de pedido de opinião que, em geral, era atendido por Mário de Andrade, como pode ser comprovado ao longo de sua correspondência. Algumas vezes, ele registrava primeiro as impressões da leitura nas margens do manuscrito, para, então, reelaborá-las em comentários críticos que destinava ao autor do texto, freqüentemente por carta. Entre vários exemplos desse processo, vale destacar primeiramente o que acompanha a elaboração do poema “O Anjo da Guarda” de Manuel Bandeira. Por ocasião da criação do poema, Bandeira encaminhou a Mário de Andrade uma carta<sup>9</sup>, a qual iniciou com a redação do poema ainda sem título (“Quando minha irmã morreu”), e logo abaixo do poema: “Mário – Como devo chamar isso? Você que andou em quartéis – como se chama o ato das sentinelas que se rendem?” (ANDRADE

---

renumeração e reacondicionamento de todos os fólhos da correspondência do autor de *Macunaíma* presente no IEB.

<sup>5</sup> É importante ressaltar que a circulação de manuscritos não se apresenta como uma prática exclusiva do modernismo. Ela esteve presente em outros períodos da história, mas a finalidade da circulação e o significado que tinham os manuscritos eram diferentes do que veio a ter no século XX. Sobre essa questão ver CHARTIER, 1999. Sobre a circulação de manuscritos na Espanha nos séculos XVI e XVII ver BOUZA, 2001.

<sup>6</sup> Referindo-se ao manuscrito do poema “Evocação do Recife” que enviara a Mário de Andrade em 13 de julho de 1925.

<sup>7</sup> Levanto essa hipótese da afinidade com base nos grupos que foram surgindo durante o modernismo e que divergiam entre si em alguns ideais.

<sup>8</sup> Mário de Andrade construiu, ao longo de sua vida, um significativo acervo pessoal constituído por quadros, objetos ligados ao folclore e à Revolução de 32, cartas, manuscritos de outros escritores, discos, livros, partituras, recortes de jornais. Sobre esse assunto, ver: BATISTA e LIMA, 1984; MELLO E SOUZA, 1994; BATISTA, 2004; MACHADO, 2005.

<sup>9</sup> A carta tem data atestada: posterior a 22 de agosto de 1925.

e BANDEIRA, 2001, p. 230). À margem do verso “veio para ao pé de mim”, na própria carta, Mário puxou uma nota a lápis preto: “Paraopeba”. Nota solitária, ganha sentido na carta que ele escreveu para Bandeira, de São Paulo, possivelmente antes de setembro de 1925:

“Quando minha irmã morreu”. Outra delícia silenciosa. Só não gosto daquele “para ao pé” que você botou, talvez para evitar a repetição de “para junto” que vem dois versos depois. “Para ao pé” é horrível. Deve de ser lusitanismo. É feio em si e lembra paraopeba. Mude isso, porém cuidado em não perder o agudo “mim” acabando o verso. (ANDRADE e BANDEIRA, 2001, p. 232)

Na resposta de Manuel Bandeira, em missiva de 13 de setembro de 1925, a consulta ao amigo já traz a forma definitiva do verso, que sairá em 1930, na 1ª edição de *Libertinagem*: “O ‘para ao pé’ foi um *pis-aller*. Acho tão juntinho! é popular. Que acha de ‘veio ficar ao pé de mim?’ E o título? ‘Sentinela rendida’? Responda.” (ANDRADE e BANDEIRA, 2001, p. 237). Finalmente, em carta de 19 de setembro de 1925, Bandeira informa a Mário: “O meu poeminha sai no *Globo* de 2ª feira. Chamei-o ‘O Anjo da Guarda’. O Villa-Lobos me tinha feito a mesma advertência que você fez agora sobre a palavra ‘rendida’” (ANDRADE e BANDEIRA, 2001, p. 242).

As cartas, então, apresentam discussões ou, na maioria das vezes, como no exemplo acima, fragmentos de discussões sobre textos ainda em fase de elaboração. Procedimentos como esse estão presentes também na correspondência trocada com Carlos Drummond de Andrade, Alphonsus de Guimaraens Filho, Luís da Câmara Cascudo, Oneyda Alvarenga, Fernando Sabino, entre tantos outros. Em alguns casos, a partir do comentário de Mário de Andrade, estabelecia-se um diálogo sobre o texto em criação ou sobre questões mais teóricas ligadas a conceitos literários ou artísticos, como se deu, por exemplo, com Alphonsus de Guimaraens Filho sobre o soneto irregular. Após o recebimento de manuscrito contendo uma série de sonetos do jovem poeta mineiro, Mário de Andrade dá início à discussão:

Você já refletiu bastante sobre o soneto irregular? Não falo apenas sob o ponto-de-vista técnico que esse é claramente indefensável, mas sob o estético. Satisfaz ao seu sentimento estético, ao seu prazer artístico o soneto irregular? Deus me livre negar o valor, a força lírica de certos sonetos irregulares, os seus, os do Schmidt provam isso. Mas sempre me fica um certo não-sei-quê de insatisfação artística. Lhe falo isto com muito cuidado e muita dúvida, acredite. Não esqueço que fui formado dentro do soneto e que esse uso do cachimbo pode ter me deixado a boca torta. Acho que cabe mais a você que a mim refletir sobre isso, porque o problema é seu, é de vocês, é das gerações novas. Eu, por mim, não farei nunca sonetos irregulares.<sup>10</sup> (ANDRADE e BANDEIRA, 1974, p. 22)

Além da questão do soneto irregular, ainda com Alphonsus de Guimaraens Filho, Mário conversa muito sobre o problema da aquisição da personalidade em suas poesias: “[...] ando achando que você já alcançou uma caracterização muito grande de personalidade. [...] Até que ponto V. não estará imitando você?”<sup>11</sup> (ANDRADE e BANDEIRA, 1974, p. 39).

---

<sup>10</sup> Carta de 4 de janeiro de 1941.

<sup>11</sup> Carta de 27 de maio de 1943.

E essa relação dialógica, como já mencionada, percorre toda a correspondência do autor de *Macunaíma*, mesmo quando ainda não consagrado dentro do cenário da literatura brasileira. No início da década de 20, estabelece um estreito vínculo intelectual com o poeta Luís Aranha, apoiado na preparação da Semana de Arte Moderna e da revista *Klaxon*, em 1922, bem como em cartas e na discussão dos poemas que escrevia. Como o próprio Mário declara: “Nos ligamos logo em perfeita amizade intelectual que naqueles tempos se auxiliava de uma presença constante” (ANDRADE, 1974, p. 58).

Luís Aranha confiou a Mário de Andrade, nessa época, o manuscrito de um livro de poemas intitulado *Cocktail*,<sup>12</sup> que reúne 22 textos em datiloscrito, aos quais o amigo modernista acresceu notas de leitura. Essas notas reiteram a possibilidade de ser constatada, mais uma vez, na correspondência passiva de Mário, a presença do diálogo em torno da criação de companheiros escritores. Em carta não datada, provavelmente anterior ao dia 15 de julho de 1922, Luís Aranha remete nova redação de seu poema “Paulicéia desvairada”. Ao reescrever esses versos suscitados pelo livro de Mário, acatava a leitura do amigo: “Vou alterar o que disseste, respeitando o que mandaste conservar”. (MACHADO, 2001, p. 80)

As notas nas margens da maior parte dos textos do manuscrito de Luís Aranha apontam para duas leituras distintas. A primeira, antes da oferta ao amigo, a leitura do próprio poeta, caracteriza-se por escassas e tímidas rasuras a lápis preto, marcando a retomada da escritura em acréscimos e correções. A segunda significa a contribuição do crítico e amigo que salvaguardou o documento em seu arquivo, ou seja, sua análise a lápis preto e vermelho.

As observações de Mário de Andrade atendem a dois propósitos e revelam dois momentos de trabalho. No primeiro momento, o lápis preto fixa as primeiras observações de cunho crítico, tecidas na esfera da privacidade. Na certeza de não se tornarem públicas ou de serem lidas apenas por Luís Aranha, foram elaboradas com a franqueza necessária do mentor preocupado com as inovações literárias do momento e do amigo que dispensava formalidades. Assim se mostra o comentário à margem do poema “Minha amada”:

Não ha rapidez nenhuma que elimine aqui o te. Cui- l dado! É preciso saber sempre onde canta o galo. E tu, que desempenhas pelos teus livros as cataractas, insecáveis helas!, dos l teus pronomes, artigos e pendu- l ricalhos indecentes, bem podes l aumentar aqui o te que falta. (MACHADO, 2001, p. 82)

Apesar da dureza, visava unicamente o aprimoramento técnico do escritor, como explica o crítico em “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”:

Me envaideço mesmo de ter de alguma forma provocado o aparecimento de Luís Aranha original. O maltratava com uma crítica exasperada que não perdoava senões, e blagueava desprezando, sobre o excesso de “uns” e possessivos gálicos nos versos dele. Depois o levava de viagem pelas minhas inquietações sobre o conceito de Poesia como arte e sobre a natureza psicológica do lirismo. (ANDRADE, 1974, p. 58)

Entretanto, no cotejo dessas notas marginais autógrafas com o texto do artigo publicado na *Revista Nova* em 1932, “Luiz Aranha ou a poesia preparatoriana”<sup>13</sup>, percebe-se que o crítico volta ao manuscrito dez anos depois e efetivamente transforma seus comentários em notas prévias. Nessa ocasião, aproveita elementos da análise realizada e

<sup>12</sup> De *motu próprio*, Luís Aranha nenhum livro publicou. *Cocktail* somente se concretizou na edição organizada por Nelson Ascher e Rui Moreira Leite em 1984 (Brasiliense).

<sup>13</sup> O mesmo artigo veio a integrar o livro *Aspectos da Literatura Brasileira* (ANDRADE, 1974)

apóia o artigo em trechos dos poemas que, em 1932, destaca, no manuscrito, com traços a lápis vermelho à margem e a indicação “citar”, os quais aparecem, de fato, transcritos na versão que impressa que saiu na *Revista Nova*.

Dessa forma, um bom confronto entre as notas marginais nos manuscritos e os textos que seguiram por cartas aos destinatários, desvendará, por certo, a natureza de textos fragmentários prévios dos comentários críticos esboçados durante a leitura de Mário de Andrade.

Outra importante missivista que deve aqui ser destacada é Oneyda Alvarenga. Por meio de “crítica” aos manuscritos que dela recebia, Mário de Andrade desenvolveu relevante reflexão acerca da poesia no modernismo brasileiro. Nas cartas que trocaram, principalmente, ao longo da década de 30, é notável a postura de Mário enquanto espécie de orientador da jovem que preparava seu livro de poesia que levaria o título de *A menina boba*. Diante desse papel, impulsionado pela intenção de encaminhar a Oneyda textos críticos sobre os poemas em processo de criação que ela lhe destinava, Mário acaba registrando seu posicionamento em relação à forma de se fazer poesia naquele tempo.

Como se pode ler, por exemplo, na carta de 2 de janeiro de 1933, ao comentar uma nova série de poemas que Oneyda lhe remetera: levado pela crítica a esses poemas e pela orientação à jovem, deixa nas páginas dessa missiva uma significativa reflexão sobre o conceito de lirismo. Apesar de extenso, cabe aqui a transcrição do trecho da carta em que se encontra o seu ponto de vista:

Li e reli os seus versos, gostei de alguns, outros me interessaram bem menos, andei tomando umas notas itinerantes, no seu caderno mesmo, e que você aqui lerá. Há porém uma crítica sutil e bem importante que entra em jogo com estes versos. Coisa que poderá se tornar defeito grave e contra a qual você precisa se precaver. *Estes versos de agora são prosaicos*. Em qualquer sentido da palavra. Prosaicos principalmente porque parecem prosa e se confundem muito com ela. [...] A matéria que você escolheu pra estes versos é perigosíssima: a reflexão. Você está escrevendo poesias pensativas, reflexivas, verdadeiras conversas com os botões [...]. Repare: você não está contando idéias, sensações do mundo exterior, estados fisiológicos que se amontoam simultaneamente nos momentos de cisma, não está anotando isso com liberdade, sem gerarquia [*sic*] intelectual nenhuma e nenhuma ordem, porém refletindo sobre, sintetizando tudo numa idéia e desenvolvendo esta. D’áí fazer prosa e não poesia. [...] tenha sempre na lembrança que lirismo não é poesia, ainda não é poesia. Lirismo é um fenômeno psíquico que toda a gente mais ou menos tem – questão apenas de sensibilidade que movimente mais o ser, e de imaginação criadora que prenda a atenção do ser nesses fenômenos. Lirismo tanto pode dar poesia como pode dar prosa, dar o descobrimento de Newton como o golpe de audácia de Napoleão, ou o Pensieroso de Miguel Anjo ou a flexa da Sainte Chapello, de Paris. Lirismo pode enfim ser convertido numa criação humana qualquer. O operário que voltando do trabalho vê num jardim ricaço uma rosa pegável e a arranca e a põe no paletó pra se enfeitar, sentiu e aceitou um fato de lirismo individualista. O operário que voltando do trabalho enxerga num jardim ricaço uma rosa, e, por estar imbuído de revolta comunista contra os burgueses, sente raiva, entra no jardim adentro, arranca a rosa e a destrói, também aceitou um fato de lirismo que já não é puramente individualista, mas coletivista, convertido em função social. Lirismo é um fenômeno psicológico. Poesia

é uma arte, quero dizer, é uma construção humana, um fruto da vontade humana, uma criação dependente. Ao passo que o lirismo independe de nós. [...] é costume distinguir um poeta individualista dum poeta social, falando que o primeiro é “poeta lírico”. Isto já está dentro de uma distinção razoável, pois o lirismo sendo fenômeno psicológico é eminentemente individualista [...]. (ANDRADE, 1983, p. 38-40)

É possível verificar que nesse exercício da orientação e da “crítica” aos textos que estão sendo elaborados, Mário de Andrade acaba voltando-se, em muitos momentos, para sua própria produção literária. Ao refletir sobre os caminhos da escrita do outro, ele revê os seus próprios caminhos. Desse modo, vale a sugestão de que ele acaba estabelecendo uma auto-crítica. Na mesma carta a Oneyda, encontra-se um bom exemplo:

Quase todo o *Losango Cáqui*, nos poemas sem título, é construído sem gerarquia [sic] nenhuma, sem organização intelectual nenhuma, sem desenvolvimento de idéias. Procurei, digamos, fotografar a matéria lírica em toda a pureza possível em que ela chega mais ou menos organizada já, e estragada, dentro da consciência. A consciência é a maior inimiga do lirismo e jamais que a gente o poderá registrar na sua pureza original, porque pra conhecê-lo apenas, ela já passou dentro de nós pelo processo de registração da consciência e está designado por palavras, coisa artificial, pura criação do homem. Mas repare, como falei no prefacinho do *Losango* (Cáqui) este processo de fotografiação do lirismo não dá bem o conceito de poesia. A verdadeira qualidade dele é fazer o lirismo reflexivo se diferenciar em absoluto da prosa. (ANDRADE, 1983, p. 40-41)

Até este ponto, o que se pode ver, então, é a freqüente troca de idéias ou reflexões mais aprofundadas sobre a produção literária de textos que ainda se encontravam inéditos. Antes de tê-los publicados, os escritores buscavam opiniões críticas, espécie de aval sobre a qualidade daquilo que iam elaborando. E o resultado dessa prática ficou testemunhado nas cartas, que encerram relevantes considerações críticas sobre a situação literária do modernismo.

A crítica literária em periódicos e livros foi prática muito marcante no modernismo brasileiro. Esse tema já ganhou estudos consideráveis, como os ensaios de João Luiz Lafetá, no qual discute a produção de críticos literários da década de 1930: Agripino Grieco, Tristão de Athayde, Mário de Andrade e Octavio de Farias (LAFETÁ, 1974), e outro de Alfredo Bosi sobre Mário de Andrade crítico do Movimento Modernista (BOSI, 1988). Por sua vez, José Aderaldo Castello (1999, p. 71), em seu livro sobre literatura brasileira, afirma: “Chamemos a atenção no Modernismo proclamado em 1922 para o que nos parece seu sentido fundamental: a revisão crítica de toda uma experiência anterior”. Ainda Wilson Martins, em *A crítica literária no Brasil*, apresenta a história da crítica literária brasileira desde 1724 a 1981 (MARTINS, 1952).

Nessa perspectiva, em grande parte, eram os próprios escritores que, paralelamente à produção ficcional, exerciam a crítica literária. Conforme Leyla Perrone-Moisés (2003, p. 11):

[...] o exercício da crítica pelos próprios escritores se deve, em grande parte, ao fato de os princípios, as regras e os valores literários terem deixado de ser, desde o romantismo, predeterminados pelas Academias ou por qualquer autoridade ou consenso. [...] Cada vez mais livres, através do século XIX e sobretudo do XX, os escritores sentiram a necessidade de

buscar individualmente suas razões de escrever, e as razões de fazê-lo de determinada maneira.

Partindo dessa consideração, pode-se levantar o questionamento: da mesma forma que os escritores buscavam no “exercício da crítica” uma maneira de encontrar “suas razões de escrever, e as razões de fazê-lo de determinada maneira”, não almejavam a mesma finalidade ao exercerem essa outra “crítica” ao longo das cartas que trocavam, como ficou exemplificado aqui?

### Considerações finais

Para concluir, é importante destacar que aqui estão apenas exemplos escolhidos para apresentar a forma como os comentários críticos aparecem na correspondência dos interlocutores de Mário de Andrade e como estão ligados à circulação de manuscritos e troca de idéias, pois Mário recebeu muitos textos para dar opinião – salvaguardou 306 manuscritos<sup>14</sup> – foi um missivista assíduo, seu arquivo no IEB contém aproximadamente 8 mil cartas<sup>15</sup>. No que toca a literatura, os assuntos mais freqüentes são os que envolvem as questões de técnica; o assunto da cultura popular também é constante, tanto no que se refere à literatura ou às pesquisas de Mário de Andrade. Sobre esse assunto, entre os seus principais interlocutores foram Luís da Câmara Cascudo e Ascenso Ferreira.

Vale ressaltar, ainda, que a circulação de idéias e troca de manuscritos não se limitava ao autor de *Macunaíma*, mas atingia um âmbito muito maior. Como o que se pode perceber na carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade, de 1º de maio de 1926, junto da qual o remetente envia o manuscrito de poema inédito de Dante Milano, “Cordão”: “[...] Pra você conhecê-lo<sup>16</sup> melhor, mando-lhe o ‘Cordão’ (devolva-me, não tenho cópia)” (ANDRADE e BANDEIRA, 2001, p. 288). É possível deduzir que Dante Milano enviou textos seus inéditos para Manuel Bandeira. Outro exemplo está na carta de Câmara Cascudo para Mário de Andrade, de 25 de maio de 1926, junto da qual seguiram manuscritos de Jorge Fernandes, poeta conterrâneo seu. Nessa carta se lê: “Jorge viajou pro sertão. [...] Incluí um retrato d’ele [Jorge Fernandes], versos e um poeminha meu” (MACHADO, 2005, p. 105). Fica a sugestão, assim, de que Jorge Fernandes entregava seus escritos a Câmara Cascudo. Há, ainda, o relato de Mário a Alphonsus de Guimaraens Filho sobre a circulação de seus próprios textos manuscritos:

Eu ando impossível. No Rio, última produção, fiz esta ‘Canção’ que eu gosto muito (que hei-de fazer!) mas reconheço absolutamente rígida, sem nenhum calor de espontaneidade. O que penso de bom sobre ela, não digo – descubra se puder. O Murilo Miranda que a leu, detestou. Se detestar, deteste com franqueza que isso só me dará algum apoio pro meu espírito desnortado. Nas *Poesias Escolhidas* há uma larga parte de inéditos. Dei a Manuel pra me aconselhar e ele repudiou muitos. Mas ambos divergiram bastante no repúdio, só tendo concordado umas três vezes. Resolvi abandonar de vez o conselho da minha geração. Andei mostrando pra alguns moços que têm muita liberdade comigo, mas a máxima liberdade

<sup>14</sup> Ver Machado, 2005: catálogo analítico dos manuscritos de outros escritores preservados por Mário de Andrade. Sobre a relação entre Mário de Andrade e os jovens escritores, ver MORAES, 2002.

<sup>15</sup> Atualmente uma parte da correspondência de Mário de Andrade encontra-se publicada. Dentre elas, as cartas que trocou com Manuel Bandeira, Tarsila do Amaral, Carlos Drummond de Andrade, Luis da Câmara Cascudo, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa, Fernando Sabino, Murilo Rubião, Pedro Nava, Alphonsus de Guimaraens Filho, entre outros.

<sup>16</sup> Referindo-se a Dante Milano.

comigo: não repudiaram nenhum! São versos brutais, representam uma das piores crises morais, ou melhor, imorais que já agüentei.<sup>17</sup>  
(ANDRADE e BANDEIRA, 1974, p. 27-28)

Em meio a essa relação dialógica que envolve a circulação de manuscritos e a troca de idéias, o que parece marcante, então, é uma aparente necessidade de escritores receberem opinião crítica sobre seus textos ainda em fase de elaboração. Mas é válido destacar que buscavam essas opiniões dentro do próprio circuito de intelectuais, artistas, ou, principalmente, escritores a que pertenciam.

Desse modo, cabe aqui outro questionamento: em que medida uma pesquisa mais aprofundada sobre essa “crítica” realizada dentro do universo epistolar dos modernistas brasileiros pode contribuir para os estudos literários?

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1974 [1943].

\_\_\_\_\_. e ALVARENGA, Oneyda. **Cartas**. Organização e notas Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

\_\_\_\_\_. e BANDEIRA, Manuel. **Itinerários**: cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho. Organização e notas Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

\_\_\_\_\_. **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. Organização, introdução e notas Marcos Antonio de Moraes. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 [2000].

ARANHA, Luís. **Cocktails**. Nelson Ascher e Rui Moreira Leite (org.). São Paulo, Brasiliense, 1984.

BATISTA, Marta Rosseti e LIMA, Yone Soares de. **Coleção Mário de Andrade**: artes plásticas. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1998 [1984].

BOSI, Alfredo. Mário de Andrade crítico do Modernismo. In: **Céu, inferno**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003 [1988], p. 227-242.

BOUZA, Fernando. **Corre manuscrito**. Una historia del Siglo de Oro. Madrid: Marcial Pons, 2001.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira**: origens e unidade (1500-1960). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, vol. 2.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, Imprensa Oficial do Estado, 1999.

LAFETÁ, João Luiz. **1930**: A crítica e o modernismo. 2ª ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, Editora 34, 2000 [1974].

MACHADO, Marcia Regina Jaschke. **Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade**: perspectivas de estudos. 2005. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. Manuscritos do modernista Luís Aranha. **Manuscrita**: revista de crítica genética, São Paulo: Annablume, jun. 2001, n. 10, p. 75-97.

MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983 [1952].

---

<sup>17</sup> Carta de 10 de março de 1941.



MELLO E SOUZA, Gilda e Antonio Candido de. A lembrança que guardo de Mário. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1994, nº 36, p. 9-25.

MORAES, Marcos Antonio de. **“O orgulho de jamais aconselhar”**: A epistolografia de Mário de Andrade e seu projeto pedagógico. 2002. Tese de doutoramento – Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 [1998].